



Texto original: INGLÊS

RETIRO

Terça-feira, 1 de outubro de 2024

Padre Timothy Radcliffe OP Ressurreição 2 Desjejum

João 21,15-25

Agora, enfim, pela primeira vez desde sua negação, Jesus e Simão Pedro conversam um com o outro. Não está claro se quem foi assado foi o peixe ou Pedro! Jesus pergunta a Pedro: “Tu me amas?”. Não há uma palavra sobre sua negação. O que importa é o agora, o hoje. Łukasz Popko, OP escreveu: “Note-se que Jesus não perguntou sobre o passado. Ele não pediu uma explicação ou desculpa. Segundo, ele não perguntou sobre o futuro: Tu me amarás? Ele não pediu uma promessa: Promete que me amarás. Ele perguntou sobre o presente! Frequentemente, evitamos a pergunta de amor e a resposta correspondente porque estamos presos nos fracassos do passado ou nas fantasias do futuro”¹.

O Ofício Divino começa cada dia com o apelo de Deus a nós: “Oxalá ouvísseis *hoje* a minha voz”. Hoje é o único dia que existe, o presente de Deus é o presente. Hoje, durante este Sínodo, devemos ouvir o Senhor e uns aos outros. Não podemos nos atrasar. Se assim fizermos, hoje será um novo início. Pouco antes de falecer, o Cardeal Martini surpreendeu seu amigo Damiano Modena quando disse de repente: “O cristianismo está só iniciando”. “O cristianismo está só no começo”.

Por que nos atrasamos? O ceticismo e a inércias nos seguram. Meus confrades irlandeses brincam que a língua irlandesa tem 32 palavras para amanhã, mas nenhuma delas tem o mesmo senso de urgência como “mañana”! Quando Pedro viu o Senhor na praia, ele não hesitou em se lançar às águas e nadar para a terra. *Carpe Diem*.

O diálogo no desjejum talvez seja o mais sutil e delicado na Bíblia. A vergonha da negação de Pedro em outra fogueira está no ar, mas nada é dito explicitamente. Com gentileza e talvez até um sorriso, Jesus abre espaço para Pedro desdizer por três vezes sua tríplice negação. Jogamos à face das pessoas a tolice do que elas disseram ou fizeram? Ou gentilmente abrimos espaço para que elas prossigam?

“Tu me amas mais do que estes?”. Em Mateus e Marcos, que certamente João conhecia, Pedro tinha declarado exatamente isso em sua noite de vergonha. “Mesmo que todos se escandalizem, eu não” (Marcos 14,29). Eu te amo melhor! E agora, ele o faz novamente! Há muitas discussões sobre os significados de diferentes palavras para amor aqui, *agape* e *philia*. Estou convencido de que Pedro declara ele não só ama Jesus, ele o ama com o melhor dos amores, *philia*, amizade. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos”. Isto é

¹ Comunicação privada.



exatamente o que ele fracassou em fazer. Anthony Giambrone, OP, da École Biblique, traduz suas três respostas deste modo²:

“Sim, Senhor, eu te amo mais do que eles e mais do que eu amo o outros. Tu és mais; tu és meu amigo”.

Então, “*Phileo*: Eu disse isso e é o que eu quero dizer. Tu és meu amigo”.

Finalmente: “Tu sabes tudo; tu experimentas que eu te amo com todo amor da amizade”.

Percebam a gentil ironia: Pedro diz “Tu me conheces”. Naquela triste noite, ele tinha negado que conhecia Jesus, mas Jesus o conhece. De acordo com a narrativa primitiva, ele falharia novamente durante a perseguição de Nero. Deixando Roma, ele encontrou Cristo se dirigindo à Cidade. Ele pergunta ao seu Senhor: aonde vais? *Quo Vadis?* “Morrer novamente”. Finalmente, no fim de sua vida, ele é fiel ao seu voto de amor. Isto dá coragem a todos nós quando falhamos.

Agora, eis aqui uma lição da maior importância para este Sínodo. Jesus confiou em Pedro, e confiou o rebanho a ele, embora até então ele não tivesse sido confiável. A Igreja é fundada na rocha da confiança não merecida de Deus em Simão Pedro. Ousaremos confiar uns nos outros, apesar de algumas falhas? Este Sínodo depende disso.

Só um exemplo: não é segredo que *Fiducia Supplicans* provocou angústia e raiva entre muitos bispos ao redor do mundo. Alguns membros deste Sínodo se sentiram traídos. Mas a Igreja só se tornará uma comunidade confiável se correremos o risco, como o Senhor, de confiar uns nos outros, mesmo que tenhamos sido feridos. O Senhor se confia em nossas mãos repetidamente, em cada Eucaristia, mesmo que o traíamos repetidamente. A crise dos abusos sexuais nos ensinou dolorosamente que esta não pode ser uma confiança irresponsável que coloca os outros em risco, especialmente os menores. Mas uma confiança que abraça nosso *próprio* risco de nos ferirmos.

Há uma crise global de confiança. Políticos de todos os partidos dizem que são os políticos de *outros* partidos que não devem ser confiados, e assim, ninguém confia mais em políticos. Em todo o mundo, os jovens estão perdendo a confiança na democracia. *Fake news* e a manipulação dos meios de comunicação significam que não podemos confiar na verdade que está sendo dita. Exigimos mais e mais credibilidade, mais testemunhos e referências, mas eles nunca conseguem aliviar nossa suspeita de que alguém está escapando com algo. Uma crise de confiança encoraja as pessoas a se comportarem de um modo inconfiável, uma vez que todos estão certamente agindo assim. Clemente de Alexandria escreveu no terceiro século que devemos “assumir o belo risco de passar pelo campo de Deus³”. Este é o campo daqueles que confiam no Senhor e uns nos outros, mesmo quando parecer tolice. Não podemos dizer: “eu não vou correr o risco de me ferir novamente”.

Um fazendeiro correu até São Francisco de Assis e perguntou se ele era Francisco. O fazendeiro então disse: “Eu te digo para que não sejas diferente do que pareces ser, pois muitas pessoas põem a sua confiança em ti”. Estas palavras me assustam. Se ao menos soubessem! Milhões já não confiam mais em nós, e com razão. Devemos construir a confiança novamente, começando uns com os outros nesta assembleia.

² *The Bible and the Priesthood: Priestly participation in the One Sacrifice for Sin*: Baker Academic, Grand Rapids, 2022, p.185f.

³ Proteptique X, 93. Quoted A.G p. 128



Quando fui eleito Mestre dos Dominicanos, pedi conselho ao meu antecessor, um irlandês maravilhoso. Ele disse: “Antes de tudo, quando você viajar a lugares remotos, leve sempre um pouco de papel higiênico no bolso de trás (muito sábio!). Segundo, confie nos irmãos. A Ordem votou para confiar em você. Você deve confiar nos irmãos. Os provinciais, às vezes, tomam decisões que o confundem e com as quais você discorda. Exceto em circunstâncias extraordinárias, confie neles”. São Domingos confiava nos noviços e os enviava a pregar, embora os cistercienses estivessem certos de que todos fugiriam. A confiança mantém unida a rede de Pedro.

Um dos nossos Provinciais era um bom irmão, mas ele lutava contra o alcoolismo. Para minha surpresa, ele foi reeleito. Eu estava orgulhoso de que o Capítulo Provincial assumira o risco e eu confirmei a eleição, embora eu me lembrasse de que o dominicano americano tivesse um problema com a bebida, e então ele foi ver seu médico. O médico disse: “Padre, a melhor coisa que você poderia fazer seria parar de beber completamente”. O irmão respondeu: “Doutor, eu não sou digno da melhor. Qual é a segunda melhor?”.

Finalmente, tudo está fundado na confiança em Deus, que se confia a nós. Nós confiamos que, com a graça de Deus, este Sínodo trará frutos, mesmo que não possamos antecipar quais serão, e podem não ser o que queremos.

Um poema de Teilhard de Chardin:

Acima de tudo, confia no lento trabalho de Deus.
Somos naturalmente impacientes em tudo para alcançar o final sem atraso.
Gostaríamos de pular as fases intermediárias.
Somos impacientes por estar no caminho rumo a algo desconhecido, algo novo.

E, ainda assim, é a lei de todo progresso
que é feito ao se passar por algumas fases de instabilidade –
e que pode levar um longo tempo⁴.

Um outro jesuíta (estou sendo generosamente humorado!), Gregory Boyle, afirma: “O nosso é um Deus que espera. Quem somos nós para não esperar? Leva o que for preciso para a grande reviravolta. Pode esperar”⁵.

Jesus encarrega Pedro para pastorear suas ovelhas. *Minhas* ovelhas, diz Jesus, não as tuas. Pedro está prestes a ser o bom pastor que conduz as ovelhas para fora dos estreitos confins do aprisco para pastar nas amplas pastagens do mundo, onde os lobos espreitam. Ele conhece seu rebanho pelo nome, e eles confiarão em sua voz. Todos os que são batizados na realeza de Cristo são chamados a serem pastores: pastores dos pequenos rebanhos de nossas famílias, dos alunos de nossas escolas, dos nossos vizinhos da porta ao lado. Pais, professores, líderes leigos, são todos chamados para serem pastores que conhecem suas ovelhas pelo nome e ganham sua confiança. Todos nós temos a extraordinária responsabilidade de cuidar das ovelhas do Senhor.

Mas Jesus dá a Pedro um papel específico na comunidade, como seu bom pastor. Este é um papel particularmente de nossos pastores ordenados, para conduzir as ovelhas para fora de um estreito redil eclesialístico introvertido rumo aos espaços abertos do mundo. Da sacristia para a

⁴ A letter to his niece, from *Hearts on Fire*, ed. Michael Harter SJ, Loyola Press, 2009

⁵ *Tattoos on the Heart*, p.113



praça pública. Embora frequentemente seja o clero quem mais suspeita do caminho sinodal e resista a ele. Que autoridade tem Pedro e seus sucessores para fazer isso?

Sara Paris, da Universidade de Edimburgo, escreveu: “a autoridade de Pedro é a autoridade de um picador arrependido”⁶. Ele pode conduzir o rebanho à pastagem da graça de Deus porque ele mesmo claramente precisa dela. O Papa Francisco disse em uma entrevista em 2015: “Eu sou um pecador... Tenho certeza disso. Eu sou um pecador a quem o Senhor olhou com misericórdia. Eu sou, como disse aos prisioneiros na Bolívia, um homem perdoado”⁷ (cf. Lucas 5,8). Esta é a alegre autoridade dos pastores. Somos pessoas perdoadas. Podemos deixar cair a pesada máscara da superioridade, o fardo de fingirmos ser assustadoramente santos. O padre nos reúne a todos na unidade no início da Eucaristia, ao nos convidar a recordar “*nossos* pecados”, não os teus! Esta é nossa unidade, perdão gracioso. Quando alguém pede para ser admitido na maioria das ordens religiosas, ouve a pergunta: “O que procuras?”, cuja resposta é: “A misericórdia de Deus e a vossa”.

A alegria do pecador arrependido é entrar na luz do amanhecer do julgamento amoroso de Deus e descobrir-se totalmente amado. O Cardeal Basil Hume afirmou que “o julgamento é sussurrar no ouvido de um Deus misericordioso e compassivo a história da minha vida, que eu nunca fui capaz de contar⁸... Muitos de nós temos uma história, ou parte de uma, pelo menos, sobre a qual nunca fomos capazes de falar com ninguém. O medo de ser mal compreendido, a incapacidade de nos entender, a ignorância do lado mais sombrio de nossas vidas ocultas, ou apenas a vergonha, tornam isso muito difícil para muitas pessoas... Que alívio será ser capaz de sussurrar livre e completamente àquele ouvido misericordioso e compassivo. Depois de tudo, é isso o que Ele sempre quis”⁹.

Na praia, Pedro ainda não estava pronto para contar a história de sua própria necessidade de perdão. Esse dia chegará. O primeiro relato que temos da negação de Jesus por Pedro está no evangelho de Marcos, que é frequentemente chamado de memórias de Pedro. São Marcos sabia do fracasso de Pedro, porque este compartilhou com sua comunidade em Roma. Durante a perseguição de Nero, a Igreja entrou em colapso e os cristãos traíram uns aos outros. Parece que foi então que Pedro confessou seu próprio fracasso: “Vós traístes o Senhor. Eu também!”. O *Instrumentum Laboris* afirma que frequentemente temos pedido que o povo de Deus preste contas à hierarquia, mas a hierarquia também deve prestar contas ao povo de Deus (75,76). Na hora mais escura, Pedro prestou contas de si mesmo ao seu povo. Isso transformou sua vergonha em alegria. Este é o ministério de unidade do pastor, reunir-nos para que “ousemos dizer Pai Nosso”. O elitismo clerical não é, portanto, apenas uma falta de humildade, mas uma negação da identidade sacerdotal. Seria como se um jardineiro pensasse que seu trabalho fosse arrancar as flores.

Pedro, finalmente, alcança o maior ato de amor. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos”. O padre é o ministro da amizade divina. O *Instrumentum Laboris* nos avisa que os padres frequentemente falam de “um certo cansaço, relacionado sobretudo com um sentimento de isolamento, de solidão, de afastamento de relações saudáveis e sustentáveis, e de serem subjugados pela exigência de responder a todas as necessidades”

⁶ Private communication.

⁷ *Credere*,

⁸ Citando um padre anônimo.

⁹ *To be a Pilgrim*, p.228.



(35). O sínodo parece mais uma coisa a ser feita por pessoas que já estão ocupadas mais do que podem suportar.

A tentação do padre é ser um solitário, fazendo tudo sozinho. Mas isto contradiz a sua vocação, o chamado à amizade: um amigo de Deus, amizade com os leigos, amizade com aqueles às margens, amizade com outros padres no presbitério. Santo Antão, o Grande, tornou-se no deserto o amigo de todos, porque ele alcançou a transparência. Peter Brown escreveu: “Ele veio para irradiar tal charme magnético e abertura a todos, que qualquer estranho que viesse ao seu encontro, cercado por multidões de discípulos, monges visitantes e peregrinos leigos, sabia qual deles era o grande Antão. Ele era instantaneamente reconhecível como alguém cujo coração havia alcançado total transparência para os outros”¹⁰.

É por isso que uma falha de transparência e responsabilidade corrompe o próprio coração da identidade sacerdotal. A transparência de Pedro, o pecador, é o fundamento de sua autoridade. Não pode haver encobrimento. Não se espera que confessemos abertamente todos os nossos pecados, mas, pelo menos, não sejamos hipócritas. O povo de Deus é rápido em perdoar tudo o mais, exceto a hipocrisia.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos”. Muitos padres sentem de fato que entregam as suas vidas, dando tudo de si, esgotados e exaustos. Quando um padre inglês, Sean Connolly, era jovem, escreveu: “Às vezes me sinto como uma esponja gigante, absorvendo suas dificuldades e provações. O problema é que muitas vezes não há onde me espremer e então tudo se acumula e se acumula”¹¹. Ele tem amigos que deixaram o sacerdócio, pois queriam ter suas vidas de volta. Os professores, no fim de semana, gritam para ele: “Tenha um bom fim de semana”. Um bom fim de semana, pelo amor de Deus! Ele diz: “Às vezes, dirigindo para casa numa tarde de sexta-feira, o pensamento passa pela minha mente: não seria bom ter minha própria vida outra vez?”¹².

Jesus *não* disse: “Eu vim para que todos possam sobreviver e sobreviver abundantemente”. Lembrem-se das palavras de Santo Irineu: “Gloria Dei est homo vivens”; a glória de Deus é o ser humano plenamente vivo. Dar sua própria vida não significa dar sua jornada. Não é fazer tudo sozinho. O Cardeal Ratzinger citou estas palavras no funeral de João Paulo II: “Outro te cingirá. E, precisamente nesta comunhão com o Senhor sofredor, incansavelmente e com renovada intensidade, ele proclamou o Evangelho, mistério daquele amor que vai até ao fim (cf. Jo 13,1)”. Dar sua própria vida é um ato de amor, não de trabalho infinito. Amizade é aprender a estar com as pessoas e se deliciar de sua companhia. É lazer e riso compartilhados, como quando Jesus festejou com as prostitutas e os cobradores de impostos.

Então Pedro tem a autoridade do pecador arrependido. Mas esta não é a única autoridade nesta passagem. Jesus diz a Pedro: “Segue-me”. Pedro olha para o discípulo a quem Jesus amava e que *já* está seguindo o Senhor. “E quanto a ele?”, pergunta Pedro. “Que te importa?”, Jesus respondeu. O Discípulo Amado tem sua própria autoridade. Ele viu o túmulo vazio e acreditou. Temos estudado seu testemunho e “sabemos que seu testemunho é verdadeiro” (v. 24). Na cruz, Jesus entrega sua mãe aos seus cuidados.

¹⁰ Citado por Michael Heher *The Lost Art of Waling on Water*, p.70

¹¹ *Simple Priesthood* London 2001, p.27

¹² Op. cit p.42



Cada um se submete à autoridade do outro. Pedro reconheceu a autoridade do Discípulo Amado na noite anterior à morte de Jesus, quando lhe pede para perguntar a Jesus quem o trairá. Provavelmente, era o Discípulo Amado quem tinha autoridade para conceder a Pedro a entrada na casa do Sumo Sacerdote. Mas o Discípulo Amado também se submete a Pedro. Ele corre até o túmulo e chega lá primeiro, mas se submete à ancianidade de Pedro e o deixa entrar primeiro.

O papel dos pastores é ser modesto e honrar a autoridade de todos sob seus cuidados. Todos têm algo a oferecer. Vincent Donovan foi um sacerdote missionário que trabalhou com o povo Massai na África Oriental. Por muito tempo, ele ficou intrigado quanto ao seu papel sacerdotal. Ele descobriu que “não seria o único na comunidade que mais sabia de teologia, o teólogo. Ele não seria o pregador ou o evangelizador da comunidade. Ele não seria o profeta. Ele não seria o membro mais importante na comunidade, no sentido de ser aquele que faria a contribuição mais importante, da qual a comunidade poderia ser capaz algum dia. Mas ele seria o ponto focal de toda a comunidade, aquele que capacitaria a comunidade para agir, seja no louvor ou no serviço... Ele seria o sinal de sua união com o exterior, a igreja universal. Ele seria o seu sacerdote”¹³.

Os sucessores do Discípulo Amado são todos aqueles cujos olhos estão abertos para ver o estranho na praia e declarar: “É o Senhor”. Madre Teresa viu o Senhor morrendo nas ruas de Calcutá. Maria Madalenas também tem a sua autoridade, como aquela a quem o Senhor Ressuscitado faliu primeiro, a apóstola dos apóstolos. Seu terno amor a abre para encontrar sua presença. Tomé tem autoridade por causa de sua paixão pela verdade. Cada um se submete ao outro. A rivalidade é inimiga da boa autoridade na Igreja. Um santo eremita no deserto repeliu todos os ataques de um bando de demônios. Mas Satanás veio e sussurrou em seu ouvido: “Teu irmão foi feito Bispo de Alexandria”. O santo eremita explode em fúria. “É assim que se faz”, disse Satanás!

Assim, que neste Sínodo possamos discernir a autoridade uns dos outros e nos submeter a ela. Quais novos ministérios são necessários à Igreja para reconhecer sua autoridade e confiá-los para que esta seja exercida? O evangelho lança luz sobre muitos que atuaram com autoridade naquele tempo. Que possamos fazê-lo assim hoje. Pois *hoje* é o único dia que temos. *Carpe Diem!*

¹³ Vincent J. Donovan *Christianity Rediscovered: An Epistle from the Masai* London 1978 p.144f